

Feminismos vitais

Revista ECO-Pós v. 24, n. 1, 2021

A chamada ou *call for papers* à qual a maior parte dos textos deste número da revista *ECO-Pós* respondeu teve 47 submissões. Parte delas foi publicada no número 2020.3 da revista, em um dossiê sobre o tema “Crise, feminismos e comunicação” cujas editoras foram Liv Sovik, Lígia Lana e Maria Bogado, outra parte delas aparece neste número. Dois dos textos publicados no número passado: “Vênus em dois atos”, de Saidiya Hartman, e a pesquisa de Patrícia Machado e Thais Blank sobre o filme experimental “Inês” (1971), em defesa da presa política Inês Etiene Romeu, do coletivo “Les Insoumuses”, tratavam da comunicação da memória da opressão desde uma perspectiva feminista. A maioria dos textos mostrava “uma preocupação com a profunda violência das relações de gênero e raciais e também com o que sustenta feministas apesar das dificuldades e hostilidade que enfrentam”, segundo nosso editorial; ou seja, tratavam da resistência. Neste número, os textos levam a ideia de resistência mais longe, para observar a vitalidade das mulheres que vai além da imagem de oposição e recuo que “resistência” evoca e dá um sentido concreto ao *slogan* corrente desde o início do novo século: que um outro mundo é possível - e que, em alguns lugares, seus sinais já existem. Nos textos que seguem, encontramos considerações sobre diversos setores sociais que, para além de resistirem, vivem, experimentam coisas novas, são sujeitos de desejos e chamam (nossa) atenção.

Na capa e na seção “Portfólio” da revista, vemos imagens de uma ação do grupo de mulheres Enquanto Viver, Luto!, uma iniciativa de Nilza Iraci, coordenadora executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra, que buscou juntar

mulheres vítimas de violência à base da empatia. Pretendeu estimular a criação de outra imagem e autoimagem, entre elas, que fosse além da *Mater Dolorosa*, para as mães de filhos mortos ou desaparecidos pela polícia, ou de ser objeto da repulsa da sociedade dominante, como as travestis, transexuais e prostitutas. O grupo vem se reunindo para fortalecer seu elo comum enquanto mulheres, administrar ações a partir da colaboração e da empatia, estabelecer formas de geração de renda e promover ações solidárias entre mulheres na cidade de São Paulo. As fotos são da distribuição, no dia 24 de julho de 2021 (véspera do Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e de Tereza de Benguela), de um *kit* contendo calcinhas, máscaras e produtos de higiene pessoal e beleza. O texto que acompanha as fotos explica a razão da ação. A união faz a força, mas não só: também faz a mutualidade, o diálogo, o afeto e a alegria, como poderão ver nas imagens.

Semelhante impulso para a união de mulheres negras a favor da vida aparece em “Nosso tempo é agora”, de Angela Figueiredo e Naiara Leite. As autoras contextualizam e discutem a campanha pela candidatura do Partido dos Trabalhadores à Prefeitura de Salvador de Vilma Reis, socióloga, ativista de direitos humanos e Ouvidora-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia. No meio ao avanço da direita no país, essa campanha foi por nada menos que uma “mudança civilizatória”, para que o patriarcado, o racismo e a heteronormatividade não imperassem mais. Mais do que um slogan de campanha “Agora é ela!” sinaliza a emergência do protagonismo da mulher negra, com base em uma relação orgânica com os movimentos e instituições que o engendraram e o apoiam, protagonismo que aumentou em lugar de encolher depois do brutal assassinato da vereadora carioca Marielle Franco em 14 março de 2018.

Vilma Reis, como outras mulheres negras candidatas a câmaras de vereadores em cidades baianas cujo trabalho de comunicação também é discutido no artigo, rompeu com expectativas de insucesso e minoritarismo. (Uma característica dessas candidatas é que, mesmo sendo de sucesso improvável, não temem a vitória). As campanhas mobilizaram eleitores com o uso de novas imagens e discursos, a partir de uma crítica efetiva do estereótipo da mulher negra, reagindo às “imagens de controle” ágil e acertadamente. Dezenas de movimentos sociais, mas poucos figurões do partido – uma exceção foi o baiano e ex-presidente da Petrobrás Sérgio Gabrielli -, se engajaram a favor da campanha de Vilma, que ao final não conseguiu ser escolhida como candidata pelo PT, mas pode ser vista como inauguradora de um novo discurso e nova maneira de fazer política, neste momento em que os partidos de esquerda procuram uma “capilaridade” perdida. Se esses partidos têm que correr para alcançar as mulheres negras em sua capacidade representativa, a bandeira “Agora são elas” fala de avanços já consolidados na prática político-comunicativa que constitui um movimento político.

Segue um texto já clássico da *scholar* e cineasta Susan Stryker, “Minhas palavras para Victor Frankenstein acima da aldeia de Chamonix: Performar a fúria transgênera”, traduzido por Luiza Quental e baseado em uma palestra-performance realizada num congresso acadêmico em 1993. Stryker apresenta uma contundente explicação de sua subjetividade ao se comparar ao monstro inventado pelo cientista Frankenstein, no romance de Mary Shelley publicado em 1818, lançando mão da autobiografia, da poesia e da teoria. Em 2019, Stryker comentou a influência sobre ela, na época, das ideias de Judith Butler e Eve Sedgwick sobre a política da vergonha *queer* e faz uma distinção: “Não tinha vergonha porque em nome de minha vida psíquica, precisei lutar contra o modo dominante de ontologização de gênero – estava enfurecida” (Stryker, 2019, p. 40). O tema de “Minhas palavras para Victor

Frankenstein ...” era que “o Ser é um tornar-se que emerge de um nada, que mesmo assim está cheio de potenciais vivos” (p. 42). O texto é datado, a autora reconheceu depois, porque usa sem questioná-las, metáforas para esse “nada” que perpetuam a associação de *blackness* com um vazio ou caos a ser ocupado por algo mais elaborado e desenvolvido. Mas talvez estranhamente – pensar sobre os limites do paralelo tomaria espaço demais aqui – Tavia Nyong’o entende o texto como referência por explicar em termos complexos e compreensíveis subjetividades trans, queer e não binárias negras (Nyong’o, 2021), citando-o como terreno comum a negação pela heterocisnormatividade branca de identidades sexuais de mulheres negras, como transgêneras. (Vale a pena conferir a palestra de Nyong’o, feita no quadro de “Conversações”, um evento do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, que culmina em uma avaliação interessantíssima das performances de Grace Jones e de sua canção “Williams’ Blood”.)

Nesses dois primeiros artigos, na capa e no Portfólio, trata-se menos de resistência feminista do que de mulheres que, embora oprimidas ou até malditas, transbordam uma vida que não cabe nas caixinhas - ou nos caixões - preparados para elas. Isso também é o caso do ensaio, “Cara de puta”, da anarcofeminista, radialista e performer boliviana María Galindo. Intelectual fascinante que já esteve virtual e realmente no Brasil várias vezes, fala com a lógica cristalina e a habilidade discursiva de uma lutadora social. Em uma entrevista realizada em maio deste ano no evento organizado pelo Programa Avançado em Cultura Contemporânea e transmitido pelo canal de YouTube, Mulheres das Quebradas da UFRJ, María Galindo declarou que “Sempre é possível quebrar a norma. E quando não pode quebrar a norma é porque a norma te representa, é porque você está do lado da norma. Mas se não estiver do lado da norma, sempre, sempre pode quebrá-la” (Galindo, 2021). O

texto analisa e desmonta as controvérsias em torno da prostituição, afirmando que a trabalhadora sexual é figura central da transformação social e na história das mulheres. A tradutora, Maria Barbara Florez, ao invés de uma nota, nos proporciona um breve texto em que discute as escolhas que fez e os estudos feministas da tradução.

Uma quarta das muitas facetas do feminismo que transborda a categoria de resistência é o erotismo feminino, feminista e *queer* presente na pornografia que não adere a critérios heterocisnormativas. Em “Redes de deboche e excesso: Práticas performáticas no pós-pornô da América Latina”, de Mariana Baltar e Érica Sarmet, as autoras discutem uma pornografia que assume uma “atitude política ambivalente frente à pornografia, construindo um deslocamento irônico, autorreflexivo e contra-hegemônico do pornô”. Em “As bonecas do amor no Japão: (outros) corpos que importam em contextos de crise”, Beatriz Aoki e Christine Greiner tematizam corpos inorgânicos, que incluem robôs, hologramas e as “*love dolls*” do título, e os contextualizam em uma história cultural japonesa e da indústria que as fabrica. Discute as atividades, sexuais ou não, em que as bonecas são envolvidas e os rituais funerários que empresas oferecem para fazer a transição entre o uso ativo e o descarte. O artigo discute, ainda, as implicações disso para a filosofia do corpo, em um momento em que o antropocentrismo está em questão. Que uma boneca poder ser objeto de amor não está em dúvida, mas como repensar o embasamento físico da subjetividade comunicativa se um corpo se estende para incorporá-la em sua vida afetiva?

É para a leitora julgar se é um alívio aterrissar, em “Documentário Autobiográfico e Feminismo: O quarteto de filmes de Miriam Weinstein”, na discussão de filmes feitos nos anos 1970 que tematizam a família tradicional: quem

é o pai da cineasta na vida pública e qual é sua relação com a filha; se ela deve casar ou não; ter filho ou não. Nos filmes sobre sua relação com o namorado e, depois, marido, Weinstein estranha a força do ideário do casamento em sua imaginação, teve a coragem de filmar suas dúvidas e inovou ao filmar seu espaço privado. O texto permite observar o debate feminista em torno da vida doméstica que veio antes dos questionamentos mais radicais sobre o que é ser mulher.

Seguimos com estudos da comunicação na mídia, primeiro com “Feminismos, colonialidades e violências contra mulheres em suas dimensões comunicacionais”, de Juliana Soares Gonçalves, Maria Gislene Carvalho Fonseca, Verônica Soares Costa e Carlos Alberto de Carvalho. Deixando de lado hiato que se instala entre os conceitos de violência física e violência simbólica, o texto explora a maneira em que a violência física comunica, seja pelo próprio ato, seja pela sua cobertura jornalística, buscando na crítica decolonial as lógicas dessa comunicação.

“Menos Estigma, Pouco Aprofundamento: Uma Análise de Enquadramento Noticioso sobre o Direito ao Aborto”, de Luciane Leopoldo Belin e Carla Rizzotto, atualiza leitores e leitoras sobre a cobertura jornalística do aborto durante o ano de 2019, por quatro órgãos de imprensa *mainstream*. O tema é tradicional, no feminismo, e a pesquisa mostra que é tratado com cada vez maior naturalidade, embora pouco se avança rumo ao direito de decidir da mulher.

O terceiro texto nesse grupo, que conclui o dossiê, é “Mulheres que não cabem na tela: a (in)visibilidade periférica na publicidade de utilidade pública sobre a Covid-19”, de Carla Baiense Felix e Patrícia Saldanha, analisa pormenorizadamente a publicidade de interesse público do Ministério da Saúde sobre a Covid-19, em busca de suas representações do público-alvo mais importante: a mulher pobre e

majoritariamente negra, que compõe o setor que mais sofre com a pandemia. Ela é perceptível, nessa publicidade, somente em negativo, pela sua ausência.

Referências bibliográficas

Galindo, Maria. “Escrita, criação e ativismo feminista” (coord. Beatriz Resende, Luciana di Leone e Mariana Patrício). 24/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Men-Cz-w5Lg&t=3092s>.

Nyong’o, Tavia. “Black Feminist Refusals and the Genealogy of Non-Binary Blackness”. Palestra da série “Conversações”, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, 2021. Disponível em versão original: <https://www.youtube.com/watch?v=lHjED7M15kc> e em português: <https://www.youtube.com/watch?v=n7wzmsxjWgc&t=27s>.

Stryker, Susan. “More Words About ‘My Words to Victor Frankenstein’”. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, Vol. 25, No. 1, 2019, p. 39-44.

Este primeiro número da Eco-Pós em 2021 conta ainda com cinco outras contribuições. São artigos que foram submetidos a seção perspectiva da revista, que apresentam pesquisas inovadoras relacionadas aos campos da comunicação e da cultura. O artigo *O ator estrutural no cinema experimental*, de Sandro de Oliveira, tem como foco a questão da encenação e dramaturgia ligada a figura do ator de cinemas experimentais e modernos, um tipo de proposta estética que complexifica o jogo naturalista mais comum em filmes comerciais. Ainda na esfera do audiovisual, Marcel Vieira assina o artigo “O plano-sequência seriado: a imersão realista na ficção televisiva contemporânea”, estudo que aborda as qualidades da linguagem do plano-sequência aplicado em séries televisivas contemporâneas, o que resulta em possibilidades estilísticas distintas dos usos iniciais próximos do neorealismo italiano das décadas de 1940 e 1950.

Já “As semioses do “tornar-se” negra em “Mulheres em Transição”, escrito por Pablo Moreno Fernandes e Dalila Maria Musa Belmiro se concentra no gesto de assumir a identidade negra por meio da transição capilar representado na websérie *Mulheres em Transição*. O artigo se ampara em conceitos teóricos sobre a identidade das mulheres negras, a partir de uma perspectiva interseccional para discutir o significado do “tornar-se negra”. Outra contribuição a seção perspectiva é “Mobilidade e violência no Rio de Janeiro: o papel das redes sociais digitais”, de Bianca Fernandes Antunes e Leticia Cantarela Matheus. A ênfase da investigação é o modo como a fanpage do Facebook “Onde Tem Tiroteio” (OTT-RJ) possibilita imaginar uma geografia do crime na cidade do Rio de Janeiro. O intuito das duas autoras é explorar as tensões simbólicas em torno das interações efetuadas nesta página em específico. O último texto é “Enclausuramento, segurança e lazer: a vida nos condomínios-clubes”, de Marcela Barbosa Lins e Cristina Teixeira Vieira de Melo. O foco aqui é a publicidade do Evolution Shopping Park, empreendimento de 2010, que serve como estudo para evidenciar a estrutura semântica e discursiva que embasa a existência dos chamados “condomínios-clubes”.

Para além dos artigos do Dossiê Feminismos vitais e as contribuições independentes da seção perspectiva, a Revista Eco-Pós publica ainda uma resenha do livro *Terra Pátria*, de Edgar Morin. A autora, Cristiane Naiara Araújo de Souza, procura apresentar os principais conceitos elaborados pelo autor, como a *unitas multiplex*, o *dasein* cósmico, a hominização, a ecologia da ação e a antropolítica.

A Revista Eco-Pós ainda publicará outros dois números no segundo semestre de 2021. Paulo Vaz e Cristina Teixeira Vieira de Melo são os editores convidados do Dossiê “Guerras Culturais” (v. 24, n.2), que deve ser lançado em breve. E o editor

executivo Lucas Murari e o pesquisador Ciro Lubliner organizam o último número do ano, “Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento” (v.24, n.3). Agradecemos mais uma vez a todos que colaboraram com o atual número da Revista Eco-Pós e desejamos uma boa leitura!

Ana Paula Goulart (UFRJ)

Liv Sovik (UFRJ)

Lucas Murari (UFRJ)

Mauricio Lissovsky (UFRJ)

Com a colaboração da Equipe Editorial da *Revista ECO-Pós*.

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Ana Paula Goulart, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Mauricio Lissovsky, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORA CONVIDADA

Liv Sovik, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

Alexandre Kenichi Gouin, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Kamilla Medeiros, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luíza Alvim, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Bogado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Mariana Campos de Carvalho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nicholas de Andueza Sineiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Pâmela Queiroz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Phillippe Sendas de Paula Fernandes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

COORDENADOR DE REVISÃO

Dossiê **Feminismos vitais** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 24, n. 1, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i1.27773

Augusto Bozz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO

Ana Luiza Silva de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Augusto Bozz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Emily Almeida, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Laianny Martins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Motta, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Liana Salles Monteiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Mariana Schmidt, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Ribamar Oliveira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

DIAGRAMAÇÃO

Ligia Barreto, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos

Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos

Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil

Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca

Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos

Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha

Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil

Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos

Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil

Mateus Araújo, Universidade de São Paulo, Brasil

Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos

Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos
Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

Alisson Machado, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Amanda Medeiros, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Carlos Gerbase, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Chalini Torquato Barros, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Daniel Fonsêca, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Erick Felinto, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Flavia Gabriela da Costa Rosa, Centro Universitário Teresa D'Ávila, UNIFATEA, Brasil
Francisco José Pimenta, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Gustavo Daudt Fischer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil
India Mara Martins, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Hermano Callou, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ieda Tucherman, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Jairo Ferreira, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil
Jeder Janotti Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Joana Ziller de Araujo, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Kywza Joanna Fideles Pereira dos Santos, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Leonardo Gomes Esteves, Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil
Lidiane Santos de Lima Pinheiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Lyana Virgínia Thédiga de Miranda, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Nazareth Pirola, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Naara Luna, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Patricio Dugnani, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
Paulo Faltay, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Pedro Neves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Renata Rezende, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Ricardo Freitas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Ronaldo Cesar Henn, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil
Sergio Amadeu da Silveira, Universidade Federal do ABC (UFABC), Brasil
Talita Tibola, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Tatiane Leal, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Tarcisio Torres Silva, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
Tiago Mainieri, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Victor Galdino, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil